

AUGUSTO NUNES

Pesquisa da FGV aponta que temos uma classe média cada vez maior. Falta convencer os beneficiários da falácia de que algo mudou. A10

DEBATE

Augusto Nunes*



Contra a pobreza e a miséria, tome pesquisa

Eles precisam saber disso, entusiasmei-me já apertando o botão do elevador sem ter ainda terminado a leitura da reportagem, ansioso por transmitir aos porteiros, aos garagistas e ao faxineiro a notícia formidável: da noite para o dia, literalmente, todos haviam subido na vida. A informação monopolizara as manchetes dos jornais, que festejaram o acontecimento histórico em pelo menos duas páginas da edição de 6 de agosto. Na manhã daquela quarta-feira, em companhia de milhões de brasileiros, os funcionários do prédio onde moro haviam deixado de ser o que eram na véspera. Só que ainda não sabiam disso.

Encontrei na guarita o faxineiro e dois porteiros jogando conversa fora. "Vocês ganham mais que mil e sessenta e quatro reais por mês, certo?", conferi enquanto mirava de viés o gráfico no jornal que levava como prova. Os três não responderam, pareciam desconfiados. Brasileiros aprenderam faz tempo que números quebrados acabam arredondados para fechar a conta de mais uma malandragem. "Mais de mil e cem?", simplifiquei. Sim, confirmaram os acenos de cabeça. Caprichei na imitação de Silvio Santos anunciando o tamanho do prêmio em dinheiro que o calouro campeão acaba de receber e, pausadamente, retransmiti a notícia: "Vocês agora são da classe média".

Cada um olhou para os outros dois com cara de quem tem certeza de que aquela conversa não era com ele. "Vocês todos, a partir de hoje", fui mais claro. "Eu sou é pobre", murmurou um porteiro. "O doutor tá de gozação com a gente", sorriu o outro. "Saiu algum aumento?", animouse o faxineiro. Aumento de salário não saía, desanimei-o. Mas saía nos jornais, tentei reanimá-lo, o resultado de uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas.

Expliquei que é esse o nome de uma espécie de time grande da economia. Se o bando de craques trocasse cálculos por uma bola, comparei, se em vez de jogar com números jogasse futebol e disputasse o campeonato brasileiro, não ficaria um único dia fora do G4, nem um único ano sem chegar à final da Libertadores da América. Eles pareceram entender. Então informei que a FGV, depois de examinar a si-

tuação dos moradores das seis maiores cidades do País, descobrira que milhões de brasileiros só continuavam pobres por falta de informação: não sabiam que toda família capaz de juntar R\$ 1.064 a R\$ 4.591 por mês está na classe média "Então, quem é que é pobre?", intrigou-se um porteiro. Quem ganha menos de R\$ 768, mostrei-lhe o jornal.

Contei também que o mundo dos remediados começa aos R\$ 769 e acaba aos R\$ 1.063. Acima da classe média se estende o vasto universo habitado pelo que a FGV chama de "elite". "Esse pessoal que está dizendo essas besteiras devia tentar viver com o que a gente ganha", o faxineiro resumiu o que estavam achando de tudo aquilo três brasileiros agredidos por um caso especialmente ultrajante de malabarismo estatístico amparado em trucagens numéricas.

"Do jeito que a classe média está crescendo no Brasil, logo, logo vão estar criando pobres em cativeiro", deduziu no Estádio o ótimo Tutty Vasques. A extinção da espécie começou com o Bolsa Família, que promoveu os miseráveis a pobres, e foi agora acelerada pela pesquisa que incorporou incontáveis pobres à classe média. A fantasia produziu notáveis efeitos colaterais. A expansão do que os cérebros da FGV batizaram de "nova classe média" transformou em ricos os integrantes da velha e boa classe média, incluiu os ricos na lista das grandes fortunas da revista Forbes e catapultou os multimilionários para altitudes jamais alcançadas por um Bill Gates.

Falta agora convencer os beneficiários da falácia de que algo mudou. "A única coisa que comprei para mim neste ano foi um vestido de dez reais", disse à Folha de S. Paulo Mara Martins, 32 anos, que trabalha como camelô e mora com os cinco filhos na Vila Progresso, no Rio. "Nunca fui a um cinema. Trabalho todos os dias, de segunda a segunda, e não tenho lazer. Classe média, para mim, tem que ter lazer". Somados os salários de Mara e do filho à pensão que o pai envia do Maranhão, a renda familiar chega a R\$ 1.500,00.

"Há uma visão de que a classe média é um estado de espírito", discursou o coordenador da pesquisa, Marcelo Neri. Tudo explicado. Mara Martins, por exemplo, só é pobre porque acha que é.

* Diretor Editorial — Grupo CBM
E-mail: augusto@jb.com.br